

o typo graphico recommendavel, e assim se prescrevem graphias taes como estas: *vezinbo, artelbaria, Ifigenia, tejolo, milhor, pior, quere, desanove*. A razão para taes graphias archaicas é illusoria. A evolução phonetica é base movediça; ella não se faz rectilinea: oscilla, e, além disso, não pára. Com que criterio, pois, se vae buscar um typo classico movel, e, quasi sempre, syncretico pela incerteza da pronuncia, como a fórma orthographica typica de preferencia a uma outra actual, que lhe leva vantagem em trez ou mais seculos de evolução? Julgamos que esse criterio phonetico-historico é aceitavel como principio dirimente de fórmas graphicas syncreticas actuaes (*similhante e semelhante, suberbo e soberbo, logar e lugar, testemunho e testemunho*); porém é arbitrario quando nos impõe novidades orthographicas, em archaismos graphicos, taes como: — *artelbaria, vezinbo, milhor, mester, lial, dezanove, quere*.

A refórma, apesar de simplificador, encerra francas feições etymologicas. Transige com o grupo etymologico **SC** (*sciencia*), e escreve **g** ou **j**, **s** ou **z**, **ss** ou **ç**, conforme a etymologia. Além disso, faz á orthographia etymologica uma concessão especial: conserva a prepositiva insonora de certos grupos consonantes (*çç, ct, pc, pt, etc.*), quando for facultativamente pronunciada ou quando influir na pronunciação da vogal átona precedente, abrindo-a (*reacção, direcção, eféctivo, excépção, adópção, espéctaculo, réctidão, character, etc.*). Nestes dois casos, guarda-se a insonora em todos os membros da respectiva familia philologica, isto é, em todas as palavras *cognatas*.

Ora, no Brasil, já se apagou essa influencia prosodica do grupo sobre a vogal átona antecedente, pois entre nós essa vogal é geralmente surda, e deixa por isso de nos annunciar o grupo. A concessão, pois, em nada nos facilita. Sobre isto, o conhecer a pronuncia facultativa de todas as respectivas palavras cognatas, para não confundir essa concessão com os outros grupos etymologicos, que devem ser simplificados, offerece difficuldades practicas reaes.

Rompendo desnecessariamente com habitos fixos, mandamos a refórma escrever á antiga — *amar-te hei*, porém á moderna — *amar-te-ia*. Não se percebe de prompto a ne-

cessidade desta incoherente innovação. Em outro logar, transigindo com habitos graphicos generalizados, abre mão do principio etymologico, e escreve **s** por **z** nas syllabas átonas (*Marques, ourives, simples*). Parece que esta transigencia judiciousa devera levá-la a escrever **z** por **s** nas syllabas tonicás finaes, como faz a Academia Brasileira, por ahi tambem existe, uma corrente, bem generalizada (*mez, trez, marquez, giz, paiz, Luiz, atraç, retroz, portuguez, corteç, Diniz, Satanaç, rez, tez, quiz, puç, etc.*).

Parece-nos ainda que a Commissão leva longe demais o emprego do hyphen em locuções advèrbiaes (*oculo-de-ver-ao-longe*).

Nossa orthographia usual é *phonetico-etymologica*, a refórma portugueza nos apresenta um systema *phonetico-etymologico-historico*. Ella se condemna por complicada, e a brasileira por demasiado simplificada. A lingua escripta, como a fallada, não se refórma; melhora-se. A refórma da douta commissão portugueza tem o effeito de remendo de panno novo em vestido velho, e, afinal, melhor é serzir roturas que pregar fundilhos.

M O R P H O L O G I A

172. **Morphologia** (*morphê = fôrma, logos + ia = tractado*) historica é o estudo da origem e formação do lexico. Tem por objecto as *fôrmas significantes* dos vocabulos em sua evolução morphica e ideologica, bem como a importação de elementos estrangeiros accrescidos ao lexico. Ella é, em summa, o estudo do lexico em seu desenvolvimento historico interno e externo.

173. Chamam alguns a esta parte da Grammatica *Organographia* e aos elementos significantes da palavra *orgams*. Taes denominações vêm de uma comparação, mui commum desde Schleicher, da palavra com um *organismo*.

Observa, entretanto, Bréal que chamar a lingua um *organismo* é erro grave e origem de outros erros. A lin-

guística, diz Dautat, não é a biologia. E com estes illustres philologos, impugnam a conveniência de um tal termo applicado á lingua, Gaston de Paris, Antoine Thomas, Bourciez e outros.

A lingua, como ensina Max Müller, não nasce e cresce como os seres organizados, isto é, as plantas e os animaes, mas antes como os mineraes, por camadas superpostas. As designações, pois, de *organismo*, *orgams* e *organographia*, applicadas ao estudo das linguas, são metaphoras apenas, baseadas em uma analogia remota.

174. Estuda a Morphologia, como vimos, a estrutura das palavras em sua formação e evolução, bem como o desenvolvimento do lexico por importação de linguas estranhas.

A estructura vocabular é constituida dos elementos morphicos ou morphologicos da palavra. Esses elementos são — a *raiz* ou *radical*, o *thema*, os *affixos* e a *desinencia*.

CAPITULO I

ELEMENTOS MORPHOLOGICOS

I. RAIZ OU RADICAL.

A analyse glottologica revela nas palavras um elemento irreductivel e primordial, que é, segundo ensinam alguns, o ponto de partida da formação das linguas aryanas; chama-se este elemento *raiz* ou *radical*. Encerra elle o sentido fundamental da palavra. Assim em *amor*, *amar*, *amante*, a *raiz* é o elemento *am*, que contem o sentido geral e indeterminado, commum a todos os membros dessa familia philologica. Acreditam os philologos, a que acima alludimos, que esse elemento primacial das palavras aryanas é *monosyllabico*.

II. AFFIXOS.

176. A' *raiz* vêm aggregar-se elementos secundarios com o intuito de lhe precisar e modificar o sentido funda-

mental e vago. São esses elementos secundarios chamados — *affixos*.

Se o affixo precede á raiz, chama-se **prefixo**; se vem depois, denomina-se **suffixo**. Assim em *desamor* a analyse morphologica descobre trez elementos — *des + am + or*; *am* = raiz, *des* = prefixo, *or* = suffixo.

A raiz *am* é portadora da idéa geral e indeterminada da palavra; os *affixos* — **des** e **or** são portadores de idéas especificas, que determinam ou positivam a idéa geral ou generica. É esta a importante função desses elementos accessorios.

III. THEMA.

177. Succede frequentemente que a palavra assim formada se torna a base de um novo desenvolvimento, e um novo affixo vem modificar o sentido do termo; *desamoroso*, por exemplo, desenvolve (com a aglutinação do suffixo — **OSO**) um novo sentido, desdobra-se um novo termo, e o vocabulo, ou parte do vocabulo, que serviu de base ao novo desdobramento, é o *thema*. Assim o conceito de *thema*, na grammatica historica, é diverso do de *raiz*. Esta, entretanto, pôde coincidir com aquelle no primeiro grau de desenvolvimento da palavra, como, por exemplo, em *amor* e *ferreiro*, onde os elementos *am* e *ferr* se apresentam com o character de *raiz* e *thema* ao mesmo tempo, modificados pelos suffixos — *or* e *eiro*. Não raro, porém, uma investigação historica mais profunda vae descobrir em uma letra a raiz primitiva e descriminá-la do *thema*. Tomemos, v. gr., a palavra *coser* (*cos + er*), onde o *thema* *cos* parece dar-nos egualmente a *raiz*; entretanto, a palavra vem do latim *consuere* = *con + su + ere*, por onde se vê que a letra **s** (= *su*) é realmente a *raiz*, *co* (= *cum*), o prefixo, e **er** (= *ere*) o suffixo verbal.

Max Müller dá-nos instructivo exemplo da analyse historica, tomanc' a palavra — *historicamente*. Separa primeiro o suffixo adverbial — *mente*; em seguida, do *thema historico* tira o suffixo adjectival — *ca* (lat. *cus*), com a vogal de ligação *i*; finalmente, do elemento thematico *bistor*, aparta o suffixo nominal — *tor* (= *dor*), e chega ao

elemento radical ou raiz *his = id*, que encerra a noção geral de conhecer.

Vê-se, por esse processo, que o *thema* é, muitas vezes, uma expansão ou alongamento da raiz. Constitue um elemento movel, se assim nos podemos expressar, que abrange, nos diversos grupos de expansão, elementos accessorios da palavra; assim na palavra *in + decompos + ição* (= *in + de + com + pos + ição*), o *thema decompos* — encerra dois prefixos (*de* e *com*), que são por isso chamados suffixos *thematicos*; em *ferruginoso* (= *ferri + ugin + oso*), o *thema ferrugin* — encerra um suffixo *thematico* (— *ugin = — ugem*).

IV. DESINENCIA.

178. *Desinencia* é a terminação das palavras constituida por uma vogal ou consoante, ou, ainda, por vogal e consoante, e que nas palavras flexivas varia para indicar os accidentes de *genero*, *numero*, *tempo* e *pessoa*. Em *menin-o*, *menin-a*, *menin-os*, *leitor*, *leitores*, — *o*, *a*, *os*, *r*, *es*, são desinencias genericas e numericas respectivamente; em *am-o*, *am-as*, *am-ei*, — *o*, *as*, *ei*, são desinencias pessoaes e temporaes simultaneamente.

As palavras genuinamente portuguezas só pôdem terminar em vogal pura ou nasal (*a*, *e*, *i*, *o*, *u*, *ã*, *an*, *im*, *om*, *um*), e nas consoantes *l*, *n*, *r*, *s*.

Repelle a lingua a terminação em *e* nasal (*en = ê*); em *abdomen*, *especimen*, *lichen*, etc., soa o *n*; em *regimen*, *joven* (melhor *jovem*), a desinencia realmente é o diphthongo *ei*, o mesmo phenomeno se dá com todos os terminados por *em* (*imagem*, *folhagem*, etc.). — O *m* e *n*, que terminam muitos vocabulos de nossa lingua, ahi apenas figuram como signal nasalador: — *amam* (*âmão*), *viagem* (= *viagei*), *fim* (= *fî*) *som = sô*), *orphan* (= *órbhã*), *jejum* (= *jejú*). — O *n* desinencial de alguns vocabulos de nosso lexico não se adapta bem ao genio da lingua, mesmo por que elle ahi figura como mero *ruido consonantal*, e esses vocabulos conservam um character alatinado na lingua vernacula, taes são: *abdomen*, *especimen*, *lichen*, *canon*, *velamen*, *dolmen*, *alumen*, *ceru-*

men, tentamen, certamen. Só temos uma palavra terminada em **b**, é a prep. *sob*, do lat. *sub*, porém o **b** ahi se mantem em virtude de reacção erudita, pois no velho portuguez apparece com o **B** apocopado — **sô**, como se vê ainda na phrase feita *a socapa* (= *sob + capa*). Na fórma erudita, *sob* é rejeitado pelo dialecto popular, e, na fórma popular, *sô* é archaico.

Nota. São de importação hebraica por intermedio da Biblia os nomes terminados em **b**: *Job, Achab, Abib, Jacob, Nadab, Negeb, Argob, Caleb.*

CAPITULO II

ESTRUCTURA DAS PALAVRAS

179. PALAVRA, em gr. *logos*, em lat. *verbum, vox, dicto, locutio, sermo*, é um *phonema* ou *grupo* de *phonemas* com que representamos uma *idéa*. São, pois, as palavras signaes convencionaes das *idéas*.

A estructura das palavras, determinada pelos seus elementos morphologicos, que acabamos de estudar, varia no tempo e no espaço, sob o influxo constante das leis glotticas. Na passagem do latim para o portuguez, os vocabulos vão-se modificando e contrahindo, ora pelas alterações phoneticas, ora pela influencia analogica.

180. FÓRMAS TYPICAS. Nesta evolução vocabular devemos considerar trez fórmas typicas successivas: a fórma *original*, a *intermediaria* e a *actual*.

A fórma ou o *typo original* é a palavra latina, que, através das fórmas *intermediarias* ou de *transição*, apresenta na fórma *actual* o ultimo estadio de suas metamorphoses historicas, p. ex.: *amatis* \rightsquigarrow *amades* \rightsquigarrow *amaës* \rightsquigarrow *amaes*.

181. FÓRMAS HYPOTHETICAS. Succede não raro que das fórmas *intermediarias* apenas conhecemos directamente aquellas que se fixaram nos documentos da lingua, e que constituem as *fórmas archaicas* da palavra. Ora, os documentos da lingua portugueza só começam a apparecer no sec. XII, em raros vocabulos vernaculos correntes entre o povo.

Parco subsidio, entretanto, poderão fornecer esses vocabulos esparcos em taes documentos para o conhecimento das fórmias intermediarias.

Na falta, porém, da documentação escripta, o glottologo, guiado pelas leis phoneticas, serve-se da inducção para reconstruir a fórmula que deveria ter existido no uso popular antecedente á fórmula conhecida, a qual demanda esse élo para se prender ao *typo original*. Essa fórmula vocabular assim induzida é o que se chama fórmula *hypothetica* ou *conjectural*. Por esse processo inductivo ascende-se muitas vezes á fórmula original ignorada.

Essa fórmula *hypothetica*, quer original, quer intermediaria, é assignalada, nos tractados especiaes, com um asterisco (*), p. ex.: *Augustu* → **Agustu* → Agosto, cômedo → **comeo* → coimo → como; **manip'lu* (lat. *manipulus*) → **mãolho* → **maolho* → *moolho* → *mólho* (ap. Dr. J. Leite de Vasconcellos).

A's vezes acontece que o vocabulo latino passa intacto para o portuguez, sem fórmula ou fórmias *intermediarias*, como — *Cicero, Cesar, drago, consules, servos*.

CAPITULO III

THEORIA DAS CATEGORIAS GRAMMATICAES

182. *Categorias grammaticaes, partes da oração* ou do *discurso* são as diversas classes de palavras, que constituem o lexico.

São oito essas categorias, segundo a opinião mais geralmente adoptada, convem saber: *substantivo, adjectivo, pronome, verbo, adverbio, preposição, conjuncção* e *interjeição*. Outros as fazem dez, considerando como categoria á parte o *artigo* e o *participio*, incluídos na classe dos adjectivos pelos que seguem a classificação supra.

183. ORIGEM DAS CATEGORIAS. As categorias grammaticaes recebemo-las dos grammaticos dos sec. XVI e XVII, que

as receberam dos grammaticos da idade-média, e estes dos latinos, que, por sua vez, as receberam dos gregos.

A Aristoteles e mormente aos grammaticos de Alexandria devemos os primeiros ensaios sobre a theoria das categorias grammaticas.

Reconhecia aquelle illustre philosopho grego, segundo Mason, quatro partes do discurso: *nomes* (*substantivo e adjectivo*), *verbos* (ou *predicados*), *conjunção* (incluindo apparentemente *preposições e adverbios*), e *artigos* (*pronomes e o artigo definido*).

Posteriormente os grammaticos gregos da escola de Alexandria, no Egypto, dividiram em oito as partes do discurso: *nome, verbo, participio, artigo, pronome, preposição, adverbio e conjunção*.

Os grammaticos romanos excluíram o *artigo*, que o latim não possuía, incorporaram o *participio* no *verbo*, dividiram o *nome* em *nomen substantivum* e *nomen adjectivum*, e acrescentaram a *interjeição*, de modo que puderam guardar o numero mystico de oito: *substantivo, adjectivo, pronome, verbo, adverbio, preposição, conjunção e interjeição*.

Como se vê, coincide esta divisão com a que é hoje geralmente adoptada.

O estudo da Grammatica era o primeiro das *sete artes liberaes*, que constituíam o *trivium* e o *quadrivium* das universidades da idade-média, onde se continuaram a expor as theorias grammaticas dos gregos e dos latinos. Dessas universidades medievas passou aos nossos tempos a theoria sobre as categorias grammaticas, por intermedio dos humanistas, que, nos sec. XVI, XVII e XVIII, obedeceram ao grande impulso literario da Renascença.

Correspondem as categorias grammaticas ás idéas *geraes* de que tracta a philosophia. E por que as idéas *geraes* são fórmulas necessarias do pensamento, são categorias mentaes, que a logica impõe ao raciocínio, ensinavam erroneamente as grammaticas philosophicas do sec. XVIII que todas as linguas deviam possuir as mesmas categorias grammaticas. Sendo uma a logica, uma devia ser a grammatica em sua essencia; o pensamento e a sua expressão deviam guardar as mesmas relações em todas as linguas. E nem podiam de

outro modo esses grammaticos-philosophos comprehender a unidade do espirito humano na variedade das raças. Court de Gebelin, em sua *Histoire Naturelle de la Parole*, encara as categorias grammaticaes como parte da *Grammatica Universal*.

A Glottologia, porém, que nasceu do estudo practico e scientifico das linguas, veio demonstrar o erro dessas concepções aprioristicas das categorias grammaticaes e dessa confusão da logica philosophica com a grammatica.

O estudo das linguas revelou a existencia de um grupo numeroso de linguas radicaes ou monosyllabicas, que não possuem propriamente categorias grammaticaes, e o estudo da grammatica historica mostra que a formação das categorias grammaticaes nas linguas indo-europeas deve-se a um processo lento da evolução linguistica.

O estudo das categorias grammaticaes pôde fazer-se relativamente á *funcção*, á *evolução* e á *flexão*.

As categorias grammaticaes quanto á funcção

184. Sob diversos aspectos podemos estudar a funcção das categorias grammaticaes; primeiramente em seu caracter fundamental e especifico, e depois em certas analogias, que determinam divisão mais ampla.

185. **FUNCÇÃO TAXEONOMICA E SYNTACTICA.** As categorias grammaticaes discriminam-se entre si pelas suas funcções lexicas ou taxonomicas, isto é, pelas noções ou idéas geraes que expressam e determinam a sua classificação na taxonomia grammatical. A estas funcções lexicas correspondem funcções logicas ou syntacticas, que são o papel que na trama da phrase lhes permite representr a sua indole.

Examinemos perfunctoriamente essas funcções em cada uma das categorias.

S u b s t a n t i v o

186. **FUNCÇÃO TAXEONOMICA.** O *substantivo* tem por funcção taxeconomica indicar os seres *reaes* ou *ficticios*, que subsistem por si, como — *homem, alma, anjo, sereia*, e são,

neste caso, *concretos*; e, por *extensão*, os seres *imaginarios* ou *abstractos* que não subsistem por si, mas existem como qualidades nos seres reaes, como *brancura*, *amizade*, *rapidez*. O subst. *ficticio*, como *sereia*, *duende*, suscita no espirito a realidade ficticia de um ser *fabuloso*. Não pertence á classe dos *imaginarios-abstractos*, mas á dos *imaginarios-reaes* ou *concretos*. Do ponto de vista de sua natureza temos, pois, trez classes de substantivos: *concretos*, *abstractos* e *concretos-ficticios*.

187. GÊNERO E ESPÉCIE. Nas idéas geraes expressas pelos substantivos devemos distinguir as *classes* e as *subclasses*, isto é, o *genero* e a *especie*. O *genero* é uma classe maior e a *especie* é uma classe menor, incluída na maior, é uma *subclasse* ou *subgenero*; assim *arvore*, *larangeira*, *tangerina*, são trez substantivos, que indicam trez classes de seres; *arvore* é a classe maior, é o *genero*; *larangeira* é a classe menor e está incluída na primeira, é *subgenero* ou *subclasse*, isto é, a *especie tangerina* está na mesma relação para com *larangeira*, que *larangeira* para com *arvore*; é uma *especie* de *larangeira*, como *larangeira* é uma *especie* de *arvore*; logo *larangeira* é uma *especie* em relação á *arvore*, e *genero* em relação á *tangerina*. Os termos *genero* e *especie* são, pois, correlativos, e por isso podemos dizer *genero* humano ou *especie* humana, conforme o ponto de vista em que nos collocamos.

188. COMPREHENSÃO E EXTENSÃO DO SUBSTANTIVO. A discriminação entre *genero* e *especie* fornece os elementos para se discriminar entre *comprehensão* e *extensão* do substantivo.

189. *Comprehensão* de um substantivo são os caracteres distinctivos da classe de seres designada por elle, e *extensão* são os individuos abrangidos nessa classe. O *genero* tem menos *comprehensão* que a *especie* e mais *extensão*; a *especie* tem mais *comprehensão* que o *genero*, e menos *extensão*. *Larangeira* tem todos os caracteres genericos de *arvore*, e mais os especificos, que constituem a sua classe, por isso tem mais *comprehensão*, e menos *extensão*, porquanto as *larangeiras* são uma parte das *arvores*. Do mesmo modo, *tangerina* tem

todos os característicos de *arvore* e de *larangeira* e mais os específicos, que constituem a sua classe, por isso tem mais *comprehensão* e menos *extensão* que *larangeira*. E assim descendo a escala dos seres, vae crescendo a *comprehensão* e diminuindo a *extensão*, que estão, portanto, em razão inversa uma para com a outra. Assim, como observa Burggraff, *homem, forte, corajoso* formam a *comprehensão* da idéa ou do substantivo *heroe*, e todos os seres a que se podem applicar estes trez característicos simultaneamente formam a sua *extensão*.

190. SUBSTANTIVO APPELLATIVO E PROPRIO. Substantivo *appellativo* ou *commun* é o que se applica a todos os individuos da classe, e o *proprio* é o que se applica a um ou mais individuos da classe, mas não a todos. O *appellativo*, como *homem, paiç, cidade*, é nome de *classe*, e o *proprio*, como *Pedro, Brasil, Lisboa*, é nome de *individuo*.

Nem sempre, porém, é facil traçarem-se os limites que separam um do outro.

Grammaticos ha, como *Condillac* e *Beauzée*, que affirmam que os nomes de *materiae inorganicas* como *ouro, prata, chumbo, cobre*, são substantivos proprios (*Princ. de Gr. Générale*, por P. Burggraff, p. 212). A mesma difficuldade de discriminação encontram outros em nomes *abstractos*, como *prudencia, sabedoria, amor*, etc., em nomes de *systemas religiosos* e *philosophicos*, como *christianismo, maçonaria, positivismo*, em nome de *povos e linguas*, como *romanos, persas, aryas, latim, portuguez, francez*, etc., que igualmente consideram como proprios e, por isso, apparecem frequentemente escriptos com letra maiuscula no meio da phrase.

A duvida na classificação de taes substantivos nasce com certeza da difficuldade de se discriminarem os individuos ou aspectos individuaes de taes classes. Ha ahi uma como coincidencia do individuo com a classe; em um aspecto geral, a classe se apresenta ao espirito como constituindo uma só individualidade ampla. Desta fusão do conceito de individuo com o conceito de classe, origina-se a confusão do nome substantivo *proprio*, isto é, nome de indi-

viduo, com o *appellativo*, isto é, nome de classe. Predomina, porém, em taes nomes o aspecto geral de classe, não somente porque podemos conceber em taes nomes *aspectos individuaes*, já no tempo, já no espaço, como tambem o seu designio é assignalar uma classe ou ordem, dar expressão a uma idéa geral. São, pois, todos esses nomes appellativos ou communs.

O substantivo proprio não é hoje mais que um expediente arbitrario da linguagem para a discriminação dos individuos de uma classe, é um mero artificio, sem valor grammatical em si mesmo; o que a analyse grammatical lhe dá, recebe-o de emprestimo do appellativo, que elle individualiza.

191. O movimento analytico da linguagem, que outra coisa não é senão o desenvolvimento do espirito humano, nos habilita a fazer hoje nitida distincção entre trez elementos simultaneos, que se apresentam á analyse no proferir de uma palavra, são elles — a *palavra*, a *idéa* e o *objecto*.

192. A PALAVRA é o signal da *idéa*; a IDÉA é o typo ou a copia do *objecto*; o OBJECTO é o ser *concreto* ou *abstracto* figurado na idéa e designado pela palavra. Primitivamente, porém, estes trez elementos se fundiam no *objecto*.

Nesta synthese primitiva, o substantivo proprio como que se encarnava no seu objecto, no ser nomeado, e operava-se, no uso da linguagem, uma identificação mental entre a palavra e o seu objecto: o nome era a pessoa.

Na Biblia, precioso repositorio do genio da antiga linguagem, escripta entre 1400 annos antes de Christo e 100 da E. C., temos frisantes exemplos deste phenomeno.

Ahi os nomes proprios da Divindade são revelações de sua pessoa, e caracterizam periodos na manifestação progressiva de seus attributos.

No primeiro periodo seu nome proprio é *Elohim*, o *terivel*, o Deus creador, que se revela nas forças tremendas da natureza. (Gen. I. 1).

No periodo abrahamico, o seu nome proprio é *El Schaddai*, o Deus poderoso, o Deus da Providencia, que realiza,

através do jogo livre dos acontecimentos humanos, os seus designios (Gen. XVII, 11).

No periodo mosaico, o nome proprio assignalado na sarça ardente é *Jehovah*, o eterno, o *sum qui sum* da Vulgata, o Deus do Pacto (Exod. III, 14).

Na dispensação christã, ultimo periodo, o seu nome proprio é o *Pae* (*Pae nosso*), o Deus de misericordia e de amor.

Na primeira petição da oração dominical: "Pae nosso... sanctificado seja o teu Nome", o nome é a pessoa da Divindade.

Quando, perante Moysés, é apregoado "o nome do Senhor", são descriptos os attributos de sua pessoa (Exod. XXXIV. 5—7). O mesmo acontece quando o Propheta anuncia o "nome" do *Messias* (Is. IX. 6).

193. De accordo com esta corrente synthetica, que caracteriza a linguagem antiga, os nomes proprios primitivos eram oriundos de substantivos communs ou appellativos, que traziam o manifesto intuito de assignalar algum elemento caracteristico do ser nomeado.

Adão, *o homem*, é o nome proprio do cabeça da humanidade, e Eva, *a vida*, o nome apropriado da mãe primeira de nossa raça. Abel, *vaidade*, é o segundo filho do primeiro casal, cujo cadaver revela, pela primeira vez, a contingencia ou nada da vida na terra do exilio. Abrahão, *pae de uma grande multidão*, e sua mulher Sarah, *princesa*, caracterizam o tronco da raça judaica, depositario das promessas de Jehovah, e cuja descendencia seria como as estrellas do céu e a areia do mar. Isaac, o *riso*, Jacob, *suplantador*, Esaú, *pelludo*, Moysés, *salvo das aguas*, João *dom de Deus*, Emmanuel, *Deus conosco*, Josué e Jesus, *Salvador*, Gabriel, *varão de Deus*, Miguel, *semelhante a Deus*, Bethel, *casa de Deus*, Bethlehem, *casa de pão*, Gólgatha, *caveira*, Jerusalem, *habitação da paz*, são, como se vê pelo sentido, nomes communs, que passam para a categoria de nomes proprios. E o mesmo phenomeno se observa em todas as linguas primitivas.

Traz o mesmo cunho o lexico indigena de nomes proprios incorporados largamente no portuguez do Brasil, como, p. ex.:

Curityba, *pinhal*; Pará, *rio volumoso*; Paranã, *rio immenso, mar*; Paranaguá, *golfo*; Paranapanema, *rio grande imprestavel*; Paraty, *peixe branco*; Paraguaçu, *mar ou rio grande*; Paracatu, *rio bom*; Pirapóra, *peixe salta*; Pirassununga, *ronca-peixe*; Piratininga, *secca-peixe*; Pindamonhangaba, *fabrica de anzoës*; Sergipe, *rio de siris*; Sorocaba, *casgão*; Tupã, *pae alto*; Ypiranga, *rio vermelho*; Yporanga, *rio bonito*; Ytu, *quêda d'agua*; Caramuru, *homem branco molhado*; Itapeteninga, *lage secca*; Itatiaia, *pedra dentada*; Goyaz (Guayaz), *povo da mesma raça*.

194. FUNCCÃO SYNTACTICA. A funcção taxeconomica ou lexica habilita o substantivo a exercer na phrase certas funcções syntacticas ou logicas, de que tractaremos na Syntaxe. Estas funcções consistem no papel que, nas relações dos termos da proposição, pôde representar o substantivo. São ellas, como veremos, a de *sujeito* e *objecto*, *predicado* e *complemento*.

Adjectivo

195. FUNCCÃO TAXEONOMICA. A funcção taxeconomica ou lexica do adjectivo, como de qualquer outra parte da oração, é determinada pela sua propria definição, que lhe dá um logar entre as categorias grammaticaes. E desde que elle se define como a palavra destinada a modificar o substantivo, ampliando e restringindo a sua comprehensão e extensão, segue-se que a sua funcção lexica é indicar as qualidades e as circumstancias, isto é, as determinações intrinsecas e extrinsecas do substantivo. Já o proprio nome (*ad + jectivo = o que se lança*) lhe assignala o destino de representar as qualidades inherentes ou accidentaes à *comprehensão* do substantivo, bem como as circumstancias externas, que se relacionam com sua *extensão*.

196. CLASSIFICAÇÃO DO ADJECTIVO. Em virtude dessa dupla indole do adjectivo, é elle distribuido em duas grandes classes: o *qualificativo* e o *determinativo* ou *limitativo*.

197. O QUALIFICATIVO tem uma referencia especial á *comprehensão* do substantivo. Quando dizemos *homem bom*, o

adjectivo *bom* acrescenta mais um caracter ou nota ao conjuncto dos caracteres ou notas, que constitue a *compreensão de homem*. E assim cada novo qualificativo augmenta a *compreensão*, e diminue a *extensão*. Póde acontecer, porém, que o qualificativo acrescentado não accrescente idéa ou caracter novo, mas apenas explane ou dê emphase a um caracter inherente á *compreensão*, tal como — *homem mortal, branca neve*. Neste caso o adjectivo é mero *explicativo*, e não altera em nada a *compreensão* e *extensão* do substantivo; em quanto no primeiro caso elle se diz *restrictivo*, porque de facto restringe a sua *extensão*.

198. O DETERMINATIVO OU LIMITATIVO relaciona-se directamente com a *extensão* do substantivo, indicando alguma circumstancia externa, que determina ou limita os individuos da classe expressa pelo appellativo, v. gr. *este homem, alguns homens, dois paizes, meu livro, etc.*

199. O PARTICÍPIO, tanto o participio *passado* ou *passivo* (*fervido*), como o chamado *participio presente* ou *activo* (*fervendo*), é geralmente classificados entre os adjectivos. Porém tem elle, de ordinario, um caracter *mixto*, dahi a sua designação de participio, por participar da natureza do verbo e do adjectivo. Na syntaxe estudaremos a sua natureza; aqui diremos apenas que casos ha em que domina exclusivamente o seu caracter de adjectivo, p. ex., quando dizemos — *trem expresso, casa deshabitada, mente entenebrecida, noite escura, etc.*; e outros ha em que só se apprehende o caracter verbal, como em — *tenbo escripto cartas, elles teem habitado estas casas*. Na conjugação passiva apparece franco o seu caracter de participio, isto é, de verbo e adjectivo: *as cartas são escriptas pelos secretarios*.

200. AFFINIDADES ENTRE O ADJECTIVO E O SUBSTANTIVO. Entre os grammaticos romanos, como já vimos, o adjectivo não formava classe distincta da do substantivo; porém ambos eram reunidos em uma só, sob a designação de *nome* (*nomen substantivum et adjectivum*).

Não ha, de facto, distincção absoluta, como observa Darmesteter, entre um e outro, visto que um representa o *ser*,

a *substancia*, o *substratum*, e o outro as *qualidades* ou *propriedades* em que o *ser* se revela a nossos sentidos. Ora, as *qualidades* são as *apparencias* dos seres, e só por ellas são estes conhecidos, uma vez que nos fallecem *faculdades* para apprehendermos directamente a *substancia* das cousas. O substantivo, pois, em rigor, é para nosso espirito uma como *synthese* *adjectiva* ou *adjectivo* *collectivo*, um conjunto de *qualidades* apprehendidas pelos nossos sentidos, através das quaes tão somente, por uma *inducção* *racional*, attingimos a *substancia*, que o substantivo tem por *função* *nomear*. Devido a esta intima relação entre a *representação* do *ser* e de suas *apparencias*, houve natural *confusão* entre essas duas *especies* de *palavras*. Com o *progresso*, porém, das *theorias* *grammaticaes*, embora as duas *especies* guardem a *designação* *generica* de *nome*, comtudo as suas *funções* são clara e justamente *discriminadas* hoje em duas *categorias* *distinctas*. Podemos talvez *estabelecer* o *character* *differencial* entre uma e outra *categoria*, dizendo que o *adjectivo* indica uma *qualidade* *simple*s da *substancia*, e o *substantivo* uma *qualidade* *complexa* na *substancia*. Quando dizemos *corporal*, *nacional*, *mortal*, exprimimos *trez* *qualidades* de seres ou *substancias* *particulares*: são *trez* *adjectivos*. Quando, porém, dizemos *homem*, exprimimos essas *trez* *qualidades* em um *ser* ou *substancia* *determinada*, um *ser* *corporal*, *racional* e *mortal*: *homem* é um *substantivo*.

200. FACTOS GRAMMATICAES DECORRENTES DAS AFFINIDADES ENTRE AS DUAS CATEGORIAS. Destas *affinidades* entre o *adjectivo* e *substantivo* decorrem os seguintes *factos* *grammaticaes*:

1.º Muitas *palavras* *catalogadas* entre os *substantivos* *apresentam*, na *realidade*, um *character* *mixto*, e sua *função* na *phrase* como *substantivo* ou *adjectivo*, é *determinada* pela sua *posição*, taes são os *substantivos* *chamados* *moraes*, como — *amador*, *director*, *guerreiro*, *costureira*, *poeta*, *philosopho*, *egoista*, *militarista*, *moço*, etc. Se *pospostas*, são, em *geral*, *adjectivos*; se *antepostas*, *substantivos*: *homens*

amadores da arte e os amadores ardentes da arte, forças directoras e directores intelligentes, guerreiro moço e moço guerreiro, costureira moça e moça costureira, rei soldado e soldado rei. Este phenomeno se dá tambem com outras classes de substantivos, se bem que menos frequentemente: *menino prodigio, chapéo monstro, arvore gigante — Verde ramo de uma arvore gigante* (G. D., Poes, 1. 117).

2.º Grande numero de substantivos tem sua origem em adjectivos, como: *capital, jornal, decretal, pastoral, negociante, estudante, os negros.* Além destes, qualquer adjectivo qualificativo passa facilmente para a categoria de substantivo, na ausencia deste, e, de ordinario, sob a acção de um determinativo: *dar a vista a cegos, curar doentes, resuscitar mortos, dar em secco, o pobre, o rico,* etc. — O v. port. empregava *cão m., cã f.* (branco e branca) como adj.: *Vinham muitos velhos cães fazendo grande chanto* (pranto) *por don Tello e fazendo dizer missa* (Chrs. Arch. 108). Do adj. fem. arch. temos o subst. fem. plur. — *cãs: as cãs ou cans* da velhice.

3.º Muitos substantivos eram usados como adjectivos no v. port., alguns dos quaes apparecem como taes no dialecto literario. Exs.:

Era o descobrimento do Oriente por este mar *oceano* (Dec. 1. 268). — Navegamos com tempos *bonanças* (Peregr. 1. 120) — O vento era *galerno* e o mar *bonança.* (A V. S. 2. 33). — Acabada esta batalha os cavalleiros *mancebos* se despediram (Palm. I, 185). — Cavalgava eu hñ cavallo ruço *pombo*, manchado de sangue (Ib. 139).

202. *Funcção syntactica.* Dada a sua destinação de exprimir a qualidade physica ou circumstancial do substantivo, outra não póde ser a sua funcção syntactica senão a de *adjuncto attributivo e predicativo* do substantivo, que modifica, como na Syntaxe veremos.

P R O N O M E

203. *FUNCÇÃO DO PRONOME SUBSTANTIVO.* O *pronome* (pessoal), como o substantivo, indica os seres; porém o substantivo os indica *objectivamente*, e o *pronome*, *subjectivamente* e em relação ao acto da palavra ou á pessoa

grammatical. O pronome pessoal, pois, é substantivo subjectivo. A sua funcção principal não é, como querem as velhas grammaticas, substituir um nome para lhe evitar a repetição. E' esta uma funcção secundaria, como observa Mason; a sua funcção característica é indicar uma coisa em relação á pessoa grammatical.

204. FUNCÇÃO DO PRONOME ADJECTIVO. Os pronomes adjectivos reúnem em uma só expressão duas idéas — a do *ser* e sua determinação, quer isto dizer que elle exprime syntheticamente a idéa do substantivo e a do adjectivo, p. ex.: *Ninguém* = *nenhuma pessoa*; *isto* = *esta coisa*; *quem* = *homem que* ou *que homem*, etc.

205. FUNCÇÃO SYNTACTICA. Sendo o pronome um substantivo especial, é de ver que elle exerce na phrase as mesmas funcções syntacticas ou logicas que essa categoria, isto é, as de *sujeito*, *predicado* e *complemento*, como em seu logar veremos.

V e r b o

206. FUNCÇÃO TAXEONOMICA. O verbo tem por funcção, no dominio da taxonomia, expressar, em geral, a *acção*, a actividade dos seres. Esta acção verbal, attribuida na phrase a um agente, que é seu sujeito, caracteriza-se de dois modos — pela *consciencia* ou pela *inconsciencia* do agente. Quando a acção verbal é clara e, por isso, conscientemente exercida pelo sujeito, o verbo se diz *activo*, — *eu corro*, *tu escreves cartas*, *elle ama o estudo*. Quando, porém, a acção é obscura e como que latente no sujeito, que a exerce espontanea e inconscientemente, o verbo se diz *neutro* — *eu vivo*, *tu ficas*, *elle morre*.

Como entre o pronome e o substantivo, assim entre o verbo e o adjectivo existe analogia de funcções. Semelhantemente ao adj., tem o verbo por funcção modificar os seres, expressar idéas de acção e attributo do substantivo ou pronome, mas com a seguinte differença: o verbo *affirma* ou *declara* formalmente a connexão entre o ser e sua acção ou attributo, v. gr.: *o homem ama a patria*; ao passo que o adjectivo *assume* apenas essa connexão, v. gr., *o homem*

amante de sua patria. Tomando-se da *mechanica* uma *metaphora*, póde-se dizer que o verbo é um *attributivo dynamico* e o adjectivo um *attributivo estatico* (Mason). A justeza desta comparação do illustre grammatico inglez vê-se nos seguintes exemplos — *o sol brilha e o sol brilhante.*

207. FUNCCÃO SYNTACTICA. Desta analogia de funcções entre o verbo e o adjectivo, decorre a sua funcção syntactica de *predicado*, que é, como acima se demonstrou, um *attributo dynamico*.

A d v e r b i o

208. FUNCCÃO TAXEONOMICA. O adverbio é, como o adjectivo e o verbo, palavra modificadora; distingue-se, porém, dessas duas categorias em modificar não os seres, mas suas qualidades e acções, e, ainda, as circumstancias modificadora dessa qualidade e acção; em outros termos, a funcção de adverbio é modificar o adjectivo, o verbo e o proprio adverbio.

O nome adverbio (*lat. ad + verbum*) que veio da circumstancia de vir mais communmente na phrase juncto ao verbo, para lhe determinar a significação.

Em vista da intima relação entre o ser e as suas qualidades, assume por vezes o adverbio juncto aos substantivos, na falta eventual de um adjectivo, a funcção deste, p. ex.:

A SUA RESIDENCIA LÁ é sabida. — A NÃO EXISTENCIA da alma não se póde provar. — SOMENTE O MESTRE resolve a difficultade. — Desceu RIO ABAIXO e chegou DIAS DEPOIS. — Fallamos do HOMEM D'ALÉM ERAS (A. C., Os Fast 1, 308).

209. FUNCCÃO SYNTACTICA. A funcção lexica determina-lhe claramente a funcção logica ou syntactica de *ad-juncto adverbial* ou *complemento circumstancial*.

P r e p o s i ç ã o

210. FUNCCÃO TAXEONOMICA. A preposição (*lat. pre + positionem*) assim se chama por vir sempre na phrase preposta a um termo por ella regido, chamado por isso *consequente*, que liga a um outro que vem antes, denominado *antecedente*, p. ex.: *mesa de marmore, vir para a cidade, contractar com alguém.*

As preposições são advérbios, que, pouco a pouco, com o enfraquecimento de seu valor adverbial, foram adquirindo feição connectiva, até se destacarem francamente como particulas de ligação, exigindo sempre o seu consequente para lhe completar o sentido. Embora, pois, sejam ainda sensíveis as circumstancias adverbias de *logar, tempo, companhia, etc.*, que exprimem, todavia, differenciam-se do *advérbio* em serem connectivas.

211. FUNÇÃO SYNTACTICA. Atenuado ou obliterado o seu conteúdo adverbial, a preposição assumiu o caracter abstracto de particula relacional, e, neste caso, a sua função taxonomica ou lexica identifica-se com a sua função syntactica ou logica.

Conjunção

212. FUNÇÃO TAXEONOMICA. A *conjunção* (lat. *conjunctionem = com + junção*) é, como a preposição, uma particula connectiva, o que o proprio nome dá a entender. Como a preposição ainda, tem ella um conteúdo, adverbial, que nos faz sentir ter sido um advérbio primitivamente, que se foi esvasiando em sua marcha paulatina para o seu caracter abstracto de ligação. E assim, embora seja ainda perceptível, em muitas, o conteúdo adverbial de *tempo (quando, emquanto)*, de *modo (como)*, de *fim (que, para que)* etc., dá-lhe categoria á parte o caracter connectivo.

Possuindo, porém, este caracter em commum com a preposição, della se differença em ser connectivo de proposições, emquanto aquella o é de palavras, de modo que a *conjunção* é connectiva *interproposicional*, e a preposição *intervocabular*.

213. FUNÇÃO SYNTACTICA. Abstracção feita do conteúdo adverbial, mui sensível, aliaz, em algumas conjunções, podemos encará-las, em geral, como particulas de relação, e, como taes a sua função lexica confunde-se com a syntactica ou logica.

Interjeição

214. A INTERJEIÇÃO, que é uma exclamação espontanea e subita, apresenta um caracter anormal entre as categorias